

## Artigos

# Relações de gênero em livros didáticos indicados ao PNLD 2022 Educação Infantil

*Gender relations in textbooks nominated for PNLD 2022 Program for Early Child Education*

*Relaciones de género en los libros de texto nominados al Programa PNLD 2022 de Educación Infantil*

**Francielly de Lima Oliveira**



UNIARARAS – Centro Universitário Fundação Hermínio Ometto de Araras

francielly.oliveira@fho.edu.br

franciellyoliveira@gmail.com

**Neide Cardoso de Moura**



Universidade Federal da Fronteira Sul

neide.moura@uffs.edu.br

**Fábio Hoffmann Pereira**



Universidade Federal de Alagoas

hoffmann@arapiraca.ufal.br

**Resumo:** O artigo analisa imagens de meninas e meninos em obras indicadas para Pré-escola, aprovadas pelo PNLD 2022. Amparado pela teoria de gênero na perspectiva de Joan Scott, e nas contribuições críticas de Alain Choppin sobre o livro didático, o texto discute a representatividade numérica em relação à população de crianças brasileiras e as atividades executadas por meninas e por meninos. Pretende-se, entre outros assuntos, discutir o que as imagens podem ensinar sobre os papéis sociais representados por homens e meninos, mulheres e meninas na sociedade atual para crianças da Educação Infantil.

**Palavras-chave:** infância; gênero; imagens; livro didático; educação infantil.

**Abstract:** *This article analyzes images of girls and boys in textbooks recommended for preschool, approved by PNLD 2022 Program. This text is supported by gender theory from Joan Scott's perspective and Alain Choppin's critical contributions on the textbook and discusses numerical representation in relation to population of Brazilian girls and boys and the activities carried out by them. It is intended, among other subjects, to discuss what images can teach children about the social roles played by men and boys, women, and girls in today's society in Early Childhood Education.*

**Keywords:** *childhood; gender; images; textbook; early child education.*

**Resumen:** *El artículo analiza imágenes de niñas y niños en obras aptas para preescolar, aprobadas por el Programa PNLD 2022. Con el apoyo de la teoría de género en la perspectiva de Joan Scott y las contribuciones críticas de Alain Choppin sobre el libro de texto, el texto discute la representación numérica en relación con la población de niños y niñas brasileños y las actividades que realizan las niñas y los niños. Se pretende, entre otros temas, debatir qué pueden enseñar las imágenes sobre los roles sociales que juegan hombres y niños, mujeres y niñas en la sociedad actual para los niños de Educación Infantil.*

**Palabras-clave:** *niñez; género; imágenes; libro de texto; educación infantil.*

## **Introdução**

No ano de 2022, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) disponibilizou volumes de publicações didáticas voltadas para as crianças das redes públicas de Educação Infantil. A oferta foi prevista no Edital de Convocação 02/2020 – CGPLI (FNDE, 2020), e destina livros didáticos para crianças matriculadas na Pré-escola. Muito se tem discutido sobre o conteúdo desse tipo de material na Educação Básica (Faria, 1984; Moura, 2007, 2014; Pinto, 1981) e, mais recentemente, sobre sua inadequação à Educação Infantil (Martins Filho, 2005/2006; Silva, Carvalho, Lopes, 2021).

Além das limitações que um livro didático pode oferecer aos eixos norteadores das práticas pedagógicas na Educação Infantil (as interações e a brincadeira), preocupa o conteúdo dos materiais impressos, muitas vezes sem preocupação com as intencionalidades, mas que refletem, reforçam e reafirmam estereótipos e desigualdades. Análises

dos livros didáticos são produzidas há bastante tempo no Brasil, e vários alertas têm sido dados em relação a preconceitos e estereótipos de raça e de gênero (Moura, 2020; Oliveira, 2020; Silva, 2003).

Este texto apresenta uma análise de gênero sobre as imagens de meninas e de meninos que aparecem nos títulos aprovados para o PNLD 2022, para a faixa etária de cinco anos de idade. A partir deste objetivo principal, o estudo aqui apresentado teve os seguintes objetivos secundários: a. Analisar como meninos e meninas foram representados em imagens e ilustrações nos livros indicados para o PNLD 2022 para Educação Infantil – Pré-escola; b. Quantificar se há equilíbrio na representatividade da quantidade das imagens de meninos e de meninas; c. Analisar quais ações e atividades das personagens são veiculadas pelas imagens e ilustrações, com viés analítico das relações de gênero; e d. Discutir o que as imagens e ilustrações podem ensinar sobre os papéis sociais representados por homens e meninos, mulheres e meninas na sociedade atual para as crianças da Educação Infantil – Pré-escola.

Para tanto, foram analisadas todas as catorze obras indicadas, com destaque para as imagens (figuras e ilustrações) que mostrassem crianças. Com base nos Estudos de Gênero na perspectiva de Joan Scott (1995) e nas contribuições críticas de Alain Choppin (2002; 2004) sobre o livro didático, a metodologia de análise foi inspirada em indicações propostas por Regina Pahim Pinto (1981) e na análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (2021).

O artigo está organizado em seções. Além desta breve introdução, apresentamos uma breve contextualização dos editais do PNLD voltados para a Educação Infantil. A terceira seção apresenta a aproximação quantitativa das imagens e figuras de crianças nas obras analisadas. A quarta seção discute as ações que estas figuras desenvolvem e o que meninas e meninos podem aprender a partir dos estereótipos apresentados. As considerações finais chamam a atenção para alguns aspectos para além das análises apresentadas e indicam possibilidades e indicações de problemas de pesquisa para estudos futuros.

### **Contexto sócio-histórico: O que propõem os editais do PNLD 2019 e 2022**

O PNLD é um programa do governo federal brasileiro que faz aquisição de livros didáticos para a Educação Básica. Essa política pública existe, mesmo com outras nomenclaturas, desde 1937. No entanto, sua abrangência nem sempre foi universal. Somente a partir de 2005, por exemplo, é que estudantes do Ensino Médio passaram

a receber livros do Programa. Em 2019, houve a primeira inclusão da Educação Infantil no Programa. No entanto, naquele edital a distribuição limitou-se a manuais para professores.

Segundo o *site* do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE), o programa “compreende um conjunto de ações voltadas para a distribuição de obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, destinados aos alunos e professores das escolas públicas de Educação Básica do país” (FNDE, 2020). Tanto o edital do PNLD de 2019 quanto o de 2022 tiveram por objetivo “a convocação de editores, detentores de direito exclusivo de reprodução de obras caracterizadas neste edital, para participar do processo de aquisição de obras didáticas” (FNDE, 2020), que seriam distribuídas para estudantes e professores da Educação Básica.

Nessa direção, o manual do professor voltado para a Educação Infantil refere-se “[à]quele utilizado pelo professor como fonte de atividades baseadas em interações e brincadeiras com o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades das crianças de zero a cinco anos de idade” (Brasil, 2018, p. 18). Para Marcelo Oliveira da Silva, Rodrigo Saballa de Carvalho e Amanda de Oliveira Lopes (2021), os manuais promovem a *pedagogização* da docência, implementando um “discurso regulativo e normalizador da docência” (Silva, Carvalho, Lopes, 2021, p. 188). Para os autores e autora, esse tipo de material não é

capaz de dar conta da complexidade da formação docente para o trabalho na Educação Infantil. Nossa hipótese é a de que a proliferação e difusão desse tipo de literatura, seja um sintoma do tempo presente, no qual os espaços para criação, autoria e invenção de modos de constituição pessoal e profissional, encontram-se cada vez mais escassos (Silva; Carvalho; Lopes, 2021, p. 188).

Cabe ressaltar que, enquanto objeto didático, os livros voltados para professores de Educação Infantil de instituições da Educação Básica públicas e, também, as instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas ao poder público. Assim, o mercado editorial tem muito interesse em que suas publicações sejam contempladas com editais de aquisição pelo governo federal (Martins; Sales; Souza, 2009).

Segundo Francielly de Lima Oliveira (2020), em 2019, o Programa foi apresentado pelo Guia Digital do PNLD 2019, trazendo a ideia de uma série de inovações em relação aos demais anos, sendo uma delas a que está presente neste artigo, a Educação

Infantil, que passa a ser contemplada em seu primeiro ano pelo Programa Nacional do Livro Didático (Brasil, 2018).

Os títulos propostos passam por uma análise e recebem uma escala de recomendações. Alguns critérios de exclusão também são considerados pelos Editais, porém destacamos aqui a observância de princípios éticos e democráticos necessários à construção da cidadania, ao respeito à diversidade e ao convívio social republicano, a qual leva à exclusão obras que veiculem

estereótipos e preconceitos de condição socioeconômica, regional, étnico-racial, de gênero, de orientação sexual, de idade, de linguagem, religioso, de condição de deficiência, assim como qualquer outra forma de discriminação ou de violação de direitos humanos (Brasil, 2018).

Além disso, alguns critérios merecem destaque:

- a. Ser adequadas às finalidades para as quais foram elaboradas;
- b. Ser claras e precisas;
- c. Contribuir para a compreensão de textos e atividades e estar distribuídas equilibradamente na página;
- d. Retratar adequadamente a diversidade étnica da população brasileira, a pluralidade social e cultural do país;
- e. Quando, de caráter científico, respeitar as proporções entre objetos ou seres representados;
- f. Estar acompanhadas dos respectivos créditos e da clara identificação da localização das fontes ou acervos de onde foram reproduzidas;
- g. Apresentar títulos, legendas, fontes e datas, no caso de gráficos, tabelas e imagens artísticas;
- h. Apresentar legendas, escala, coordenadas e orientação em conformidade com as convenções cartográficas, no caso de mapas e outras representações gráficas do espaço;
- i. Apresentar ilustrações que exploram as múltiplas funções (como desenhos, figuras, gráficos, fotografias, reproduções de pinturas, mapas e tabelas) e significativas no contexto de ensino e de aprendizagem;
- j. Utilizar ilustrações que dialogam com o texto;
- k. Utilizar escala adequada ao objeto de conhecimento (Brasil, 2018).

Esses itens também serviram de baliza para a análise das imagens presentes nos livros analisados. Além disso, durante nossa pesquisa e estudo, denunciemos aspectos em relação aos itens que também compõem o processo de exclusão referente ao gênero.

As propostas deste edital (FNDE, 2020) foram a convocação de interessados/as em participar do processo de aquisição dos seguintes tipos de publicação:

- Objeto 1: Obras didáticas (livros) destinadas a crianças, professoras/es e gestores da Educação Infantil;
- Objeto 2: Obras literárias destinadas às crianças e professoras/es da Educação Infantil;
- Objeto 3: Obras pedagógicas de preparação para alfabetização baseada em evidências (manuais para professoras/es).

O Guia do PNLD 2022 (BRASIL, 2021) para a seleção dos livros didáticos traz resenhas das obras aprovadas, os critérios que nortearam a avaliação pedagógica, os modelos das fichas de análise e o *hiperlink* de acesso ao conteúdo integral das obras aprovadas e seus respectivos materiais digitais para subsidiar a escolha pelos professores das escolas participantes do PNLD 2022. Convém lembrar que a adesão dos municípios e de cada instituição individualmente era facultativa, o que levou a um intenso debate público sobre a pertinência do uso de materiais impressos e livros didáticos para a Educação Infantil (FADEDI, 2021; MIEIB, 2021; UNDIME, 2021).

### **Os caminhos metodológicos**

A partir do *Guia Digital PNLD 2022: Obras didáticas e pedagógicas Educação Infantil* (BRASIL, 2021), foram acessados os portais e sites na *internet* de todas as editoras.

Na maioria deles, havia amostras do tipo *Manual do Professor* disponíveis para *download*. Três das obras não estavam disponíveis, mas foi possível acessar os volumes em formato *flip page* em portais de hospedagem de arquivos indicados nas próprias páginas das editoras. A intenção inicial era trabalhar com as obras que seriam entregues às crianças da Pré-escola (4 e 5 anos de idade), mas diante da impossibilidade de deslocamentos imposta pela pandemia de COVID-19, a equipe deste estudo decidiu trabalhar com os arquivos digitais das amostras, pois era possível ampliar as imagens no próprio computador, de forma a garantir as análises propostas. Também devido aos limites de espaço, as análises e discussões aqui levantadas referem-se apenas aos títulos indicados para a faixa etária dos 5 anos.

A primeira aproximação com o material foi o *download* e organização do acervo. Foram baixados ou acessados os conteúdos das catorze obras indicadas para a faixa etária de 5 anos (último ano da Pré-escola). Em seguida, foram contabilizadas as quantidades de crianças. Essa etapa foi inspirada em um dos manuais propostos por Pinto (1981), que serviu de base para a seleção das categorias quantificadas e analisadas. Para este estudo, a etapa da contabilização da quantidade de crianças teve como foco os seguintes dados:

- a. Meninos brancos;
- b. Meninos negros;
- c. Meninos de outras raças/etnias;
- d. Meninas brancas;
- e. Meninas negras;
- f. Meninas de outras raças/etnias;
- g. Sexo não identificado.

Observou-se, também, que apareciam crianças com algum tipo de deficiência. Algumas crianças eram retratadas sentadas em cadeiras de rodas e outras usando óculos comuns. Algumas crianças eram desenhadas usando óculos com lentes escuras, aludindo a crianças com deficiência visual. No entanto, as análises aqui apresentadas não puderam incluir essa discussão.

Nesta primeira etapa, chama a atenção a enorme quantidade de ilustrações desenhadas ao invés de fotografias. Muito se tem discutido sobre os problemas em oferecer representações estereotipadas nos ambientes educativos para as crianças (Cechin, 2014; Cechin, Silva, 2014; Santos, 2010; Teles, 2010, por exemplo). O argumento em favor de imagens de fotografias é fundamentado na ideia de oferecer às crianças a possibilidade de visualizarem objetos e elementos da natureza verdadeiros. Todo desenho é uma representação e, logo, traz a visão do ilustrador sobre o objeto. Ilustrações com desenhos não aproximam meninos e meninas da realidade, pelo contrário, oferecem uma visão deturpada do mundo. Maria Eduarda Rangel Vieira da Cunha (2021) nos oferece uma excelente reflexão a partir de um relato de experiências sobre como as crianças podem construir visões de mundo ao observarem fotografias ao invés de desenhos. Para a autora, oferecer às crianças imagens estereotipadas reduz, simplifica e categoriza os conhecimentos das crianças. As imagens de fotografias, ao contrário, ampliam “os repertórios visuais para além das referências com que [as crianças] estavam acostumadas” (Cunha, 2021, p. 77).

A terceira etapa da pesquisa consistiu em realizar um esboço de análises sobre as ações e atividades das personagens que são veiculadas pelas imagens e ilustrações. Foi possível perceber que, embora pareça ter havido um avanço em relação às representações numéricas de meninos, meninas, negros e brancos, as ações ainda remetem a papéis de gênero bem demarcados. Devido aos limites de tempo e das fases do desenvolvimento da pesquisa, esta etapa é apresentada aqui de forma preliminar e com o objetivo de denunciar e ilustrar a necessidade de um olhar crítico em relação aos materiais impressos que chegam prontos às instituições de Educação Infantil e que são apresentados para meninas e meninos na primeira etapa da Educação Básica.

Ao considerar os caminhos metodológicos percorridos, partimos da Hermenêutica de Profundidade, proposta por John Brookshire Thompson (2018) para o diálogo com o objeto pretendido, tido que

[...] o estudo das formas simbólicas é fundamentalmente inevitavelmente um problema de compreensão e interpretação. Formas simbólicas são construções significativas que exigem uma interpretação; elas são ações, falas, textos que, por serem construções significativas, podem ser compreendidas (Thompson, 2018, p. 357).

A Hermenêutica de Profundidade parte do pressuposto que, ainda que esteja passível de problemas, o objeto investigado é, ele mesmo, um território pré-interpretado. Ainda que busquemos uma interpretação de formas simbólicas, tal objeto por si só já pode ser uma interpretação, conduzindo-o à uma interpretação de uma interpretação, e reinterpretando um campo pré-interpretado (Thompson, 2018).

Para isso, partimos das três fases de análise da Hermenêutica de Profundidade: Análise Sócio-histórica, Análise Formal ou Discursiva e Interpretação e Reinterpretação.

A análise sócio-histórica, objetivada por reconstruir condições sociais e históricas da produção, circulação e recepção das formas simbólicas, nos ajuda a compreendermos a inserção dos livros didáticos na Educação Infantil dedicados para as crianças da Pré-escola e os atravessamentos que ocorre com esse material no Plano Nacional do Livro Didático.

A análise formal ou discursiva, interessada na organização das formas simbólicas a partir de vários métodos como semiótica, análise do discurso, análise sintática, narrativa, argumentativa, entre outros, colabora na compreensão da análise das imagens dedicadas à esses materiais estudados. Para esta fase, optamos pelas leituras de

Carolina Teles (2010), Michelle Cechin (2014), Michelle Cechin e Thaise da Silva (2014) sobre as imagens presentes nos materiais didáticos analisados. É a partir da Análise de Conteúdo de Bardin (2021) que também trazemos para esses materiais conteúdos teóricos como os de Joan Scott (1995, 2005, 2012) e Guacira Lopes Louro (1997) para o levantamento e análise de elementos da construção da pré-análise dos livros escolhidos e posteriormente a exploração do material e tratamento dos resultados obtidos.

Por fim, é a partir do que Thompson (2018) estabelece como fase de interpretação e reinterpretação que temos a facilitação dos métodos de análise formal ou discursiva, porém, de forma distinta. É nesta fase que implica um movimento novo de pensamento, procedendo por síntese, por construção criativa de significados. Ou seja, o processo de interpretação é também um processo de reinterpretação.

Neste artigo, nos atemos a observar a naturalização das desigualdades de gênero veiculadas pelas imagens dos livros didáticos da Educação Infantil dedicados às crianças da Pré-escola em seu primeiro ano de implementação, que extrapolam as páginas dos livros e reiteram nos modos de interação entre meninas e meninos na vida cotidiana. Com a interpretação e reinterpretação dessas imagens, possibilitamos a abertura de olhares que desmistificam ou desmascaram cristalizações referentes ao gênero, a partir da identificação de conhecimentos culturais que estão presentes nas imagens em contraste aos signos que são escolhidos com outros elementos para fazer parte do material.

Convém ressaltar que tanto John Thompson quanto Joan Scott podem ser definidos como autores com abordagens sociais críticas, que concebem a sociedade como palco de conflitos e os sujeitos como seres ativos; assim, nossa opção teórica e metodológica tranquiliza nossas análises sobre as imagens dos livros didáticos para a Educação Infantil brasileira.

### **Primeiras aproximações de análise**

A primeira aproximação com os volumes digitais dos títulos do PNLD 2022 Educação Infantil foi uma vista geral por todas as páginas dos materiais. Procuramos contabilizar a quantidade de imagens de crianças que apareciam nos volumes analisados, tendo os parâmetros já anunciados anteriormente. Essa primeira aproximação nos mostrou as quantidades apresentadas no Quadro 1.

TÍTULO (livro didático indicado para crianças de 5 anos)	MENINOS			MENINAS			SEXO NÃO IDENTI- FICADO
	BRANCOS	NEGROS	OUTRA RAÇA/ETNIA	BRANCAS	NEGRAS	OUTRA RAÇA/ETNIA	
1, 2, 3... É tempo de aprender!	33	25	4	48	16	4	1
Adoletá	35	17	2	36	16	3	2
Bambolé	51	23	2	54	29	1	1
Bons Amigos	137	46	6	118	52	1	6
Coleção Vila Mundo	58	28	5	47	18	6	0
Criação: Crianças em ação!	82	31	4	73	22	2	1
Desafios	79	54	2	109	41	1	0
Era uma vez... 1, 2, 3!	29	13	5	33	12	1	0
Estação Criança	41	22	0	40	21	0	0
Girassol Pré-Escola	94	46	26	107	29	5	3
Infâncias: Literacia e Numeracia	105	40	17	100	40	19	3
Iniciando o Aprender	17	6	2	20	6	0	0
Mundo das Coisas	36	11	12	32	20	11	0
Porta Aberta	86	34	2	81	31	0	0
<b>SUBTOTAL</b>	<b>883</b>	<b>396</b>	<b>89</b>	<b>898</b>	<b>353</b>	<b>54</b>	<b>17</b>

**Quadro 1 – Quadro geral do quantitativo de imagens de crianças nos livros indicados ao PNLD 2022 para Educação Infantil, faixa etária de cinco anos (em números brutos)**

Fonte: Elaborado pelas autoras e autor.

Além de crianças brancas e negras, foram identificadas crianças indígenas e crianças de outras etnias. O projeto apresentado pelo livro-didático *Infâncias: Literacia e Numeracia*, por exemplo, é dividido em unidades temáticas que apresentam para as crianças os cotidianos de crianças em diversos lugares do Brasil e uma das unidades mostra a vida e a cultura síria de uma criança imigrante que mora em São Paulo. O mesmo volume traz, ainda, uma unidade temática sobre crianças quilombolas e outra sobre crianças que moram em uma comunidade às margens do Rio Amazonas. Ainda assim, como podemos ver no Quadro 1, a quantidade de crianças de outras etnias se mantém sub-representada no livro *Infância: Literacia e Numeracia* assim como em todos os demais títulos indicados ao PNLD 2022.

Chama à atenção a disparidade entre a quantidade de crianças brancas em relação à quantidade de crianças negras e a sub-representação de outras crianças, sobretudo indígenas. Olhando para as quantidades proporcionais de crianças brancas, negras e de outras etnias, a representatividade das crianças brancas supera os 65%, conforme se pode visualizar no Quadro 2.

	Meninos	Meninas	Subtotal
Crianças brancas	33,03%	33,59%	66,62%
Crianças negras	14,81%	13,20%	28,01%
Crianças indígenas, orientais ou de outras etnias	3,33%	2,02%	5,35%
Subtotal	51,17%	48,81%	99,98%

**Quadro 2 – Representatividade proporcional das crianças retratadas em imagens nos livros indicados ao PNLD 2022**

Fonte: Fonte: Elaborado pelas autoras e autor.

É importante destacar que foram encontradas 17 imagens de crianças cujo sexo não foi possível identificar, seja porque a imagem mostra uma criança de costas, com a cabeça abaixada ou, ainda, por retratar bebês. Por isso, as porcentagens não somam 100%. Em relação à proporcionalidade de meninas e de meninos, podemos observar uma ligeira maioria de meninas brancas representadas por meio de desenhos ou fotografias. Esse dado chama a atenção porque, em outros estudos (Moura, 2014), a quantidade de figuras do sexo masculino geralmente aparece em maior representatividade nos livros didáticos. No que se refere às crianças em geral, no entanto, a quantidade de meninos e de meninas parecem estar em certo equilíbrio. Se por um lado aparentemente podemos levantar a hipótese de que estaríamos assistindo a um avanço em representações igualitárias nos livros didáticos em relação ao sexo, por outro as análises qualitativas das figuras podem revelar a reprodução e manutenção de estereótipos de gênero sobre papéis atribuídos sexualmente a meninas e a meninos.

Nesse sentido, Neide Cardoso de Moura (2007) já apontava, ao ter como base as reflexões de Joan Scott, que devemos buscar significados sobre o lugar que a mulher ocupa socialmente, não como um produto do que ela faz, mas do significado que adquire por meio das interações sociais historicamente construídas. Esta constatação, articulada com o exposto anteriormente, nos permite afirmar a constância de representações femininas socialmente estereotipadas. Na próxima seção, apresentaremos uma análise das imagens em que aparecem meninas e meninos nos livros didáticos analisados.

### **Entre modelos e estereótipos: o que as imagens velam e revelam**

As análises aqui apresentadas são inspiradas na forma de interpretar as relações de gênero segundo Joan Scott, autora feminista de grande importância para os Estudos de Gênero e Educação no Brasil. Em seu célebre artigo *Gênero: Uma categoria útil de análise histórica*, a autora faz um esforço para apresentar uma definição do conceito de gênero como categoria analítica, que é desenvolvido a partir de duas proposições: a primeira, afirmando que “o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” (Scott, 1995, p. 88); e a segunda, ao propor que “o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (Scott, 1995, p. 88).

Para esta análise, utilizou-se com ênfase a primeira proposição, na qual Scott (1995) destaca quatro elementos que se inter-relacionam: a. processo de construção do gênero, por meio de representações simbólicas; b. os conceitos normativos; c. a des-

coberta da permanência intemporal na representação binária e fixa de gênero; e d. a constituição da identidade subjetiva (Scott, 1995).

Um primeiro aspecto a ser discutido está relacionado às representações conceituais de meninas e de meninos nas imagens dos livros analisados. A Figura 1 mostra exemplos de meninas e de meninos, em páginas onde a palavra “menina” ou “menino” estava escrita próxima ao desenho ou, ainda, para completar ou ligar o substantivo ao desenho.



**Figura 1 – “Menina” e “Menino” como conceito**

Fonte das ilustrações: Da esquerda para a direita: Pio e Dutra, 2020, p. 189; Sgrogliá, 2020, p. 75; Silva e Carla, 2020, p. 129; Silva e Carla, 2020, p. 136.

Nas representações, vemos as crianças sempre sorridentes e, em sua maioria, descontextualizadas de uma situação ou de um ambiente. O menino representado como banhista, sem camisa, segurando uma bola e com um baldinho de praia ao lado é uma exceção. Os meninos, em geral, são representados como personagens brancos, com pele e cabelos claros. As meninas são representadas sempre vestidas com vestidos ou saias e raramente vestindo calças em páginas onde o desenho está representando conceitualmente as palavras “menina” ou “menino”. As meninas também são apresentadas sempre com cabelos presos, seja com uso de um objeto ou elástico, seja por uma trança. Chama a atenção nos desenhos da Figura 1 que a menina branca tem o cabelo preso por tranças, enquanto a menina negra tem o cabelo preso por elástico e bem mais curto.

Levando-se em consideração que as imagens dos livros apresentam conteúdos e formas de viver e de estar no mundo para as crianças da Educação Infantil, podemos dizer que essa representação das crianças reforça padrões de gênero. Para as pesquisadoras Claudia Vianna e Daniela Finco (2009), o corpo ganha destaque nas interações e práticas na Educação Infantil, “os gestos, os movimentos e as posturas são alinhavados socialmente; ganham determinado lugar e uma imagem, segundo padrões de conduta e valores culturais em que cada criança se insere” (Vianna, Finco, 2009, p. 270). Assim, as

imagens apresentadas reforçam padrões de apresentação do corpo, sobretudo das meninas: a vestimenta e o cabelo preso. As imagens também ensinam aos meninos que os cabelos curtos e penteados são formas de se apresentar e, além disso, de que os meninos gozam da liberdade de apresentarem-se sem camisa ao mundo.

Ainda falando sobre representações conceituais, é preciso destacar a representação de Família presente nos livros analisados.



À esquerda Figura 2 – “Família” como conceito (Valle, 2020, p. 50)

À direita Figura 3 – Configurações e arranjos familiares (Silva; Carla, 2020, p. 106)

As imagens das Figuras 2 e 3 mostram diferentes arranjos familiares, em obras diferentes. As famílias das crianças são apresentadas, geralmente, com a configuração de arranjo nuclear patriarcal. A Figura 2 mostra muito claramente isso ao apresentar como ilustração conceitual da palavra “família”, uma família composta por pai, mãe, filha e bebê, todos sorridentes e confortavelmente sentados em um grande sofá em um ambiente iluminado. Uma pergunta fica no ar: Como ficam as crianças que não reconhecem no modelo apresentado a sua família? Em que o modelo familiar apresentado pronto e como norma ajuda a criança a construir sua identidade e uma imagem positiva de si e de sua família? A Figura 3 foi extraída de uma tarefa na qual as crianças deveriam indicar quantos membros cada família têm e quais as famílias mais e menos numerosas. Chama a atenção o fato de que não há imagens de fotografias de famílias reais. A opção foi por retratar uma diversidade de arranjos familiares e colorir as famílias com cores irreais.

No universo dos livros analisados, apenas dois livros propõem que a criança desenhe sua família e um dos livros propõe que as crianças falem sobre suas famílias em uma roda de conversa. Um outro, ainda, solicita que as crianças desenhem coisas com

a sílaba FA e sugere, no Manual do Professor, que “família” poderia ser admitida como uma das respostas, entre outras palavras.

Além de outras análises possíveis de serem realizadas, destacamos as imagens que apresentam o brincar em diversos modos e espaços. A brincadeira, como uma das atividades propostas para o desenvolvimento das crianças nas escolas, leva, a partir desse brincar, o que foi adquirido e construído neste e em outros espaços de convívio, moldando e construindo os modos de a criança se relacionar com a vida cotidiana.



**Figura 04 – Crianças em brincadeiras**

Fonte: Almeida, 2020, p. 56, p. 94.

Guacira Lopes Louro (1997) traz contribuições importantes referentes ao processo das brincadeiras na escola, apontando que as instituições e práticas existentes nesses espaços ensinam concepções e colaboram para que algumas condutas e formas de comportamento sejam aprendidas e interiorizadas. Nessa perspectiva, Daniela Finco (2003) apresenta uma pesquisa sobre as relações de gênero a partir das brincadeiras em uma escola de Educação Infantil, com a qual aponta as desigualdades existentes entre meninas e meninos, não apenas nas brincadeiras, mas também em materiais presentes em livros, utilizando o texto de um deles para análise em sua pesquisa.

Nas imagens que compõem a Figura 4, há a diversificação de atividades, nos quais tanto meninas quanto meninos se apresentam em movimento. Há, no entanto, indicações de atividades que são tidas como “coisas de menina”, como o *ballet*, e “brincadeiras de menino” a partir da imagem de luta. Apesar da representação de demais atividades que são normativamente tidas como “neutras” entre meninas e meninos, e, distribuídas neste cenário, há ainda estereótipos marcados por essas diferenciações.

Sendo assim, é possível observar que, ainda que os brinquedos (e o brincar) sejam o que Finco traz em sua pesquisa como *neutro*, abre-se na análise das imagens

para questionamentos se há brinquedos e brincadeiras certos ou inadequados para cada sexo. Para as crianças, não há fronteiras sobre os espaços da brincadeira, brincam com o que lhes interessa e dá prazer (Finco, 2003). São os adultos que se preocupam com o que esse brincar está produzindo nas crianças a partir do que compreendem como uma sexualidade normalizante.

A extensão dessa discussão para o modo como os corpos de meninas e meninos são representados em suas passividades e atividades vai se mostrando, destacando-se também em outras imagens de livros analisados.



**Figura 5 – Crianças em movimento de kung fu**

Fonte: Sgrogliá, 2020, p. 68.

Na atividade em que é solicitado aos discentes que escrevam palavras com a letra K (Figura 5), temos a representação de uma menina e um menino fazendo movimentos de *kung fu*. Apesar de em muitas figuras dos livros serem identificados estereótipos de que a feminilidade está associada a passividade e a masculinidade na atividade das brincadeiras, há também a existência, ainda que rara, do que podemos chamar de transgressões.

Em que pese sabermos que “os significados de gênero são impressos nos corpos de meninos e meninas de acordo com as expectativas colocadas diretamente para a criança na forma como as professoras interagem com elas” (Vianna; Finco, 2009, p. 279), respondendo, assim, pelo processo de feminilização e masculinização, podemos provocar que a criança que tende a ser transgressora coloca em questão as normas que são pressupostas, quebrando as barreiras do gênero. É possível, assim, identificar, a partir da Figura 5, que ela denota transgressões que podem ser levadas para o espaço escolar pelos professores e pelas professoras que utilizam o livro, sem a prevalência de

um olhar binário em relação às crianças. Um olhar e postura que acolha as diferenças e possibilita romper com a lógica de que algumas atividades seriam dedicadas a um ou a outro gênero.

As expressões das emoções também se tornam motivo de destaque: comumente expressões e sentimentos como delicadeza, tristeza, confusão, ansiedade etc., são ligadas ao gênero feminino. Enquanto a raiva, irritação e agressividade são relacionadas mais ao gênero masculino. Dentro dos livros analisados, apesar de em alguns as representações reforçarem tais estereótipos, há também a existência do que anteriormente chamamos de transgressões neste campo, conforme podemos ver na Figura 6.



**Figura 6 – Expressões e Emoções de Crianças**

Fonte das ilustrações: Da esquerda para a direita: Almeida, 2020, p. 148; Júlio, 2020, p. 49; Hülle e Prado; 2020, p. 51; Silva e Carla, 2020, p. 42.



**Figura 7 – Divisão sexual em situações familiares cotidianas**

Fonte: Bianco, 2020, p. 94.

Destacamos um dos elementos constitutivos da teoria de gênero de Scott (1995) para analisar a Figura 7 como um símbolo de permanências intemporais, isto é, por evidenciar a representação binária do gênero feminino-masculino no âmbito da política, das instituições e organizações sociais. Essa figura nos remete à divisão sexual de situações socialmente e historicamente divididas por sexo/gênero, pois as representações que nos chegam, por meio de diferentes mídias sociais, já vem carregadas de significados de pertencimento, ora como espaço e atividades masculinas, ora como exclusivamente femininas.



**Figura 8 – Divisão sexual em brinquedos e brincadeiras infantis**

Fonte: Carpaneda, 2020, p. 109.

Na Figura 8, podemos observar outra forma de divisão sexual nas brincadeiras infantis: artefatos ligados à domesticidade e ludicidade estão mais presentes nas atividades praticadas por meninas. Por outro lado, brinquedos referentes à força e ao descobrimento são mais representados pelos meninos. Esse fato pode ser também interpretado como outro elemento proposto por Scott (1995), sobre a formação da identidade subjetiva, ao afirmar que ela se constrói por meio da apresentação de várias atividades promovidas por organizações e representações sociais e históricas e que continuam perenes.

Nesse sentido, a autora ilumina nossas análises a partir da exemplificação das mensagens veiculadas pelos diferentes símbolos (contemplados nos livros didáticos analisados) ao permitir a apreensão de que os símbolos, representados por diferentes elementos, podem normatizar e se apresentar de forma atemporal em situações, seja no cotidiano, nas brincadeiras ou outros momentos relativos à constituição da identidade de gênero.

No universo dos livros analisados, podemos observar a permanência da representação binária e fixa de gênero na maioria das imagens que mostram meninos e me-

ninas em situações de atividade. As páginas de abertura de unidades temáticas, são exemplos ricos do protagonismo dos meninos, conforme podemos ver na Figura 9.

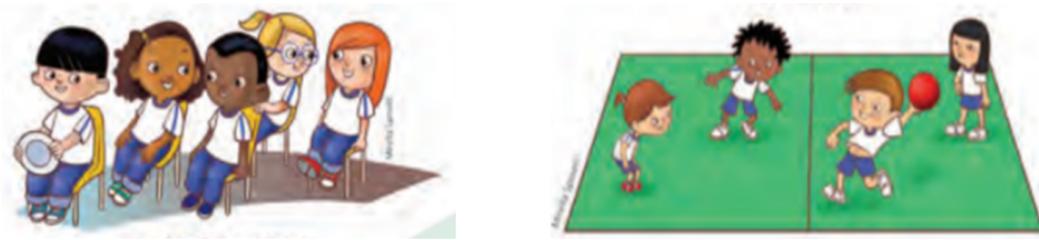


**Figura 9 – Protagonismo de crianças em páginas de abertura de unidades temáticas**

Fonte: Pio; Dutra, 2020, p. 8.

É particularmente interessante como o livro parece se preocupar com a representatividade de meninas e meninos, de diversas pertencças raciais. No entanto, ao examinar detalhadamente as atividades que meninos e meninas desenvolvem nos desenhos, é possível perceber as permanências em relação ao protagonismo dos meninos nas ações. As meninas ilustram o primeiro plano de lições com as temáticas de conhecer-se, conviver e expressar-se, atividades que envolvem o trabalho de formação da identidade pessoal e coletiva. Já os meninos aparecem em primeiro plano em lições que propõem atividades que envolvem o planejamento e os desafios cotidianos, como brincar, participar (da vida social) e explorar (o mundo). Ao apresentar a representação binária das ações de crianças para crianças, os livros didáticos acabam por contribuir para o processo de construção do gênero, por meio de representações simbólicas, neste caso, nos desenhos das ações das crianças.

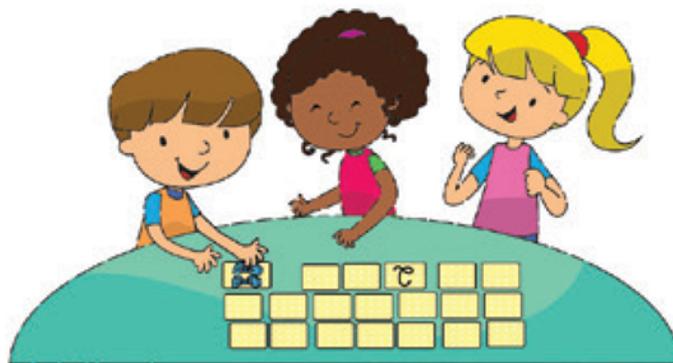
Há muitas ilustrações que confirmam essa permanência e insistência em padrões bem delineados de comportamentos de meninos e de meninas.



À esquerda Figura 10 – Crianças brincando de ônibus (Pio; Dutra, 2020, p. 130)

À direita Figura 11 – Crianças brincam de queimada (Pio; Dutra, 2020, p. 141)

Na Figura 10, as crianças aparecem brincando de andar de ônibus. Quem dirige é o menino. Em ilustrações de jogos coletivos, os meninos quase sempre aparecem desenhados como o personagem que está pronto para chutar ou lançar a bola, como o exemplo da Figura 11.



**Figura 12 – Crianças brincando com cartas**

Fonte: Mello; García; Carrera; Silva, 2020, p. 164.

Meninos são retratados, ainda, como os protagonistas da ação, como nos exemplos das Figuras 12 e 13. Na Figura 12, o personagem que dá ideia de movimento e é protagonista da ação é o menino. Embora imagine-se que as meninas também estejam brincando no jogo, a imagem as mostra em uma posição de observação e contemplação da ação do personagem masculino.

Na Figura 14, os meninos são retratados como protagonistas (com destaque ainda maior para o menino branco), enquanto as meninas, coadjuvantes, estão de costas.

Em propostas de construção de brinquedos, meninos ilustram a construção e explicação das formas de brincar em todos os livros analisados. Apresentamos os exemplos na Figura 13.



**Figura 13 – Meninos ilustram brinquedos confeccionados com papelão**

Fonte: Bruno, 2020, p. 164; Pio; Dutra, 2020, p. 162.

Em ilustrações de brincadeiras, as meninas e os meninos parecem ocupar o mesmo espaço e desenvolver a mesma atividade. No entanto, mesmo a ocupação dos espaços é apresentada de forma diferenciada, como se pode perceber na Figura 14.



**Figura 14 – Crianças aparentemente dispersas pelo mesmo espaço**

Fonte: Pio; Dutra, 2020, p. 84.

Para Barrie Thorne (1993), meninas e meninos estão quase sempre juntos nos espaços educativos, em salas, refeitórios, parquinho. No entanto, a autora chama a atenção para as atividades que cada criança em particular desenvolve. Em pesquisas realizadas em parquinhos de instituições educativas dos Estados Unidos, a autora percebe e descreve que, a partir de uma suposta igualdade (a da matrícula e da possibilidade de ocupar o espaço externo à sala de referência), as crianças ocupam o parquinho de forma diferenciada.

É o que se pode visualizar também na Figura 14. As crianças da ilustração estão brincando de esconde-esconde e as meninas em geral procuram lugares atrás de troncos de árvores e arbustos, enquanto os meninos são retratados correndo para longe, entrando em caixas e escondidos na copa de uma árvore. A exceção na imagem é a figura da menina também escondida na copa de uma árvore; no entanto, chama a atenção o fato de ser uma menina negra, associando negritude a força (para trepar em árvores), distanciando a feminilidade negra das formas hegemônicas de feminilidade.

### **Algumas considerações**

Este artigo procurou apresentar uma análise de gênero sobre as imagens de meninas e de meninos que aparecem nos títulos aprovados para o PNLD 2022 para a faixa etária de cinco anos de idade. A partir do quadro teórico, orientado principalmente por John Thompson e Joan Scott, buscou-se quantificar se há equilíbrio na representatividade das imagens de meninos e de meninas, analisar qualitativamente ações e atividades das personagens veiculadas pelas imagens e ilustrações, com viés analítico sobre as relações de gênero e discutir o que as imagens e ilustrações podem ensinar sobre os papéis sociais representados por homens e meninos, mulheres e meninas na sociedade atual.

Inicialmente, ao folhear os catorze livros indicados para escolha, foram contabilizadas as quantidades de crianças por sexo e cor/raça/etnia. O primeiro aspecto que chama a atenção é em relação à apresentação veiculada. As imagens são baseadas em desenhos e ilustrações e há poucas fotografias de crianças reais e em contextos relacionados às culturas da infância. Em sua imensa maioria, as crianças não aparecem em corpo inteiro, praticando ou desenvolvendo alguma atividade. A maior parte dos desenhos apresenta apenas o desenho da cabeça das crianças, em imagens ilustrativas que parecem ocupar espaços vazios na página e não têm intenção de apoiar os conteúdos apresentados.

Nesta primeira aproximação, foi identificado que parece existir um equilíbrio na representatividade de meninas e de meninos nas imagens. A contagem de crianças, no entanto, revelou a sub-representação de crianças negras e de outras etnias não-brancas. Embora não tenha sido o objetivo deste estudo discutir aspectos ligados às relações étnico-raciais, essa questão não pôde passar despercebida. Outros trabalhos futuros podem ampliar e aprofundar essa discussão.

Outra questão que fica evidente nas imagens, e que também não figurou entre os objetivos deste artigo, é a constante representação da docência como feminina. Em ne-

nhum das imagens onde aparecem crianças em situações de interação nas instituições educativas havia homens professores ou outros profissionais de educação. Em todos os catorze livros analisados, sempre que as imagens apresentavam crianças em salas de atividades acompanhadas por pessoas adultas, eram professoras mulheres. Assim, essas imagens vêm reforçar estereótipos ligados à feminização do magistério, sobretudo na Educação Infantil, e o afastamento das possibilidades de a docência com crianças pequenas ser exercida por profissionais do sexo masculino.

Sobre os objetivos aqui discutidos, a primeira aproximação com os livros didáticos evidenciou um quase equilíbrio geral entre o número de meninas (48,81%) e de meninos (51,17%) retratados. Parece haver um avanço na política de edição de livros didáticos no Brasil, e as antigas exigências de representatividade da diversidade da população parecem ter algum efeito. No entanto, uma análise qualitativa das imagens, procurando descrever e analisar o que meninas e meninos faziam nas ações retratadas, evidencia que padrões e estereótipos de gênero continuam sendo apresentados às crianças brasileiras por meio do material didático.

Esses achados nos remetem a constatação de que meninos continuam sendo retratados em atividades de movimentos em espaços mais amplos, atividades de agilidade e desafiadoras para o corpo das crianças pequenas, enquanto as meninas, em sua maioria, continuam sendo retratadas como dóceis, em atividades concentradas, calmas e tranquilas. Ao veicular ações de meninos e meninas calcadas em estereótipos de gênero, o livro didático contribui para a formação equivocada dos corpos e dos comportamentos das crianças. A perpetuação dos estereótipos leva a uma cristalização e a processos de naturalização de ser menino, menina, homens e mulheres, ao levar as crianças a ignorarem a diversidade nas formas de existência humana e a desenvolverem preconceitos que poderão, sem a devida problematização por parte de professoras e professores, ser reproduzidos e perpetuados.

Esses fatos nos lembram de pesquisas anteriores sobre este tema que já denunciavam, que, embora tenha encontrado algumas mudanças, as permanências se fazem presentes com muita força na educação brasileira, por meio de seu principal veículo educacional: o livro didático. Defendemos que o uso desse tipo de material por professoras e professores junto às crianças da Educação Infantil seja acompanhado de formação continuada. É importante que professoras e professores não restrinjam as experiências das crianças pequenas à execução de tarefas em livros ou folhas impressas. É importante que as crianças possam se movimentar e ocupar espaços, que possam se expressar livremente, que possam demonstrar suas curiosidades e aprender a partir daquilo pelo qual se interessam.

A formação de professores é urgente, para que possam olhar para esse tipo de material e compreender, identificar e problematizar, além dos limites pedagógicos, estereótipos e preconceitos neles impressos e expressos.

### Referências<sup>1</sup>

ALMEIDA, Cristiane Boneto de. **Era uma vez... 1, 2, 3!** Volume 2 (Manual do Professor). São Paulo: Estúdio da Carochinha Produção Editorial, 2020. Disponível em: <https://pt.calameo.com/read/0064680462b4440be9432>. Acesso em: 23 Mar 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4<sup>a</sup> edição. Lisboa: Edições 70, 2021.

BIANCO, Verônica Merlin Viana Rosa. **Desafios**: Educação Infantil (Manual digital do professor). São Paulo: Editora Moderna, 2020. Disponível em: [https://pnld.moderna.com.br/wp-content/uploads/2021/08/MDP\\_DESAFIOS-PRE-ESCOLA-II\\_TARJA.pdf](https://pnld.moderna.com.br/wp-content/uploads/2021/08/MDP_DESAFIOS-PRE-ESCOLA-II_TARJA.pdf). Acesso em: 23 Mar 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Guia Digital PNLD 2022**: Obras didáticas e pedagógicas – Educação Infantil. Brasília: MEC/SEB/FNDE, 2021. Disponível em: [https://pnld.nees.ufal.br/pnld\\_2022\\_didatico/inicio](https://pnld.nees.ufal.br/pnld_2022_didatico/inicio). Acesso em: 23 Mar 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **PNLD 2019**: Guia digital. Brasília: MEC/SEB/FNDE, 2018. Disponível em: [https://pnld.nees.ufal.br/pnld\\_2019/inicio](https://pnld.nees.ufal.br/pnld_2019/inicio). Acesso em: 23 Mar 2023.

BRUNO, Viviane Gonçalves (editora responsável). **Bons Amigos**. Volume 2 (Manual do Professor). São Paulo: FTD, 2020. Disponível em: <https://pnld.ftd.com.br/wp-content/uploads/2021/06/9020101000507-BONS-AMIGOS-PRE-ESCOLA-I-VOL2-DIVULG-MANUAL-001-224-PNLD-2022.pdf>. Acesso em: 23 Mar 2023.

CARPANEDA, Isabella. **Porta Aberta**: Educação Infantil. Volume 2 (Manual do Professor). São Paulo: FTD, 2020. Disponível em: <https://pnld.ftd.com.br/wp-content/uploads/2021/07/9020101000494-PORTA-ABERTA-PRE-ESC-I-V2-DIVULG-MANUAL-001-224-PNLD-2022.pdf>. Acesso em: 23 Mar 2023.

CECHIN, Michelle Brugnara Cruz. O que se aprende com as princesas da Disney? **Zero-A-Seis**, Florianópolis, v. 1, n. 29, Jan.-Jul. 2014, p. 131-147. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/1980-4512.2014n29p131>. Acesso em: 23 Mar 2023.

<sup>1</sup> As referências aqui listadas incluem os títulos dos livros didáticos analisados neste estudo.

CECHIN, Michelle Brugnera Cruz; SILVA, Thaise da. Uma bailarina pode ser negra? Crianças, bonecas e diferenças étnicas. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, 2014, p. 610-627. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4518/451844508013.pdf>. Acesso em: 23 Mar 2023.

CHOPPIN, Alain. O historiador e o livro escolar. **Revista História da Educação**, Pelotas, v. 6, n. 11, Jan./Jun. 2002, p. 5-24. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30596>. Acesso em: 23 Mar 2023.

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 3, Set./Dez., 2004, p. 549-566. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v30n3/a12v30n3.pdf>. Acesso em: 23 Mar 2023.

CUNHA, Maria Eduarda Rangel Vieira da. Infâncias invisíveis e suas representações na contemporaneidade. In: CUNHA, Susana Rangel Vieira da; CARVALHO, Rodrigo Saballa (org.). **Arte contemporânea e docência com crianças: Inventários educativos**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2021, p. 65-78.

FADEDI. Fórum Alagoano em Defesa da Educação Infantil. **Livro didático para Educação Infantil: É mesmo necessário?**. YouTube, 13 ago. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sGupXd2F558>. Acesso em: 23 Mar 2023.

FARIA, Ana Lucia Goulart. **Ideologia no livro didático**. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1984.

FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na Educação Infantil. **Pro-Posições**, Campinas, v. 14, n. 3, 2003, p. 89-101. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643863>. Acesso em: 9 Ago. 2023.

FNDE. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Edital de Convocação nº 02/2020 – CGPLI**. Edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras didáticas, literárias e pedagógicas para o Programa Nacional do Livro e do Material Didático PNLD 2022. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/index.php/centrais-de-conteudos/publicacoes/category/165-editais?download=14174>. Acesso em: 23 Mar 2023.

HÜLLE, Cristina; PRADO, Angélica. **Criação: Crianças em ação! Educação Infantil Pré-escola 2. Volume 2 (Manual do Professor)**. São Paulo: FTD, 2020. Disponível em: <https://pnld.ftd.com.br/wp-content/uploads/2021/06/9020101000482-CRIACAO-PRE-ESC-V2-DIVULG-MANUAL-001-208-PNLD-2022.pdf>. Acesso em: 23 Mar 2023.

JÚLIO, Silvana Rossi. **Infâncias:** Literacia e Numeracia (Manual do Professor). São Paulo: Editora Saraiva, 2020. Disponível em: [https://storage.googleapis.com/edocente-content-production/PNLD/PNLD2022\\_INFANTIL/PNLD22\\_Infancias\\_PreEscolaII\\_VU\\_SARAIVA\\_MP/OBRAS/PNLD22\\_Infancias\\_PreEscolaII\\_VU\\_SARAIVA\\_MP/PNLD22\\_Infancias\\_PreEscolaII\\_VU\\_SARAIVA\\_MP.PDF](https://storage.googleapis.com/edocente-content-production/PNLD/PNLD2022_INFANTIL/PNLD22_Infancias_PreEscolaII_VU_SARAIVA_MP/OBRAS/PNLD22_Infancias_PreEscolaII_VU_SARAIVA_MP/PNLD22_Infancias_PreEscolaII_VU_SARAIVA_MP.PDF). Acesso em: 16 Set 2023.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARTINS FILHO, Altino José. Por uma Pedagogia da Educação Infantil. **Revista Poiesis**, Niterói, v. 3, n. 3/4, 2005/2006, p.54-65. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/poiesis/article/view/10545>. Acesso em: 16 Set 2023.

MARTINS, Eliecília de Fátima; SALES, Norma Almeida de Oliveira de; SOUZA, Cleber Alves de. O Estado, o mercado editorial e o professor no processo de seleção dos livros didáticos. **Estudos Em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 20, n. 42, 2009, p. 11–25. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/eae/article/view/2055>. Acesso em: 23 Mar 2023.

MELLO, Gisela; SILVA, Jaime Tales da; GARCÍA, Leticia; CARRERA, Vanessa Mendes; SILVA, Viviane Osso L. da. **Bambolê**. Volume 2 (Manual do Professor). São Paulo: Editora do Brasil, 2020. Disponível em: [https://pnldeducacaoinfantil.editoradobrasil.com.br/wp-content/uploads/2021/05/BEA2\\_LM\\_001-208\\_MKT-2.pdf](https://pnldeducacaoinfantil.editoradobrasil.com.br/wp-content/uploads/2021/05/BEA2_LM_001-208_MKT-2.pdf). Acesso em: 16 Set 2023.

MIEIB. Movimento Interfóruns de Educação Infantil do Brasil. **Posicionamento público contrário aos livros didáticos na Educação Infantil**. Carta aberta do MIEIB. Brasília: MIEIB, 6 ago. 2021. Disponível em: [https://www.mieib.org.br/wp-content/uploads/2021/08/06.08.2021\\_CARTA-ABERTA-DO-MIEIB\\_N%C3%83O-AO-LIVRO-DID%C3%81TICO-NA-EI.pdf](https://www.mieib.org.br/wp-content/uploads/2021/08/06.08.2021_CARTA-ABERTA-DO-MIEIB_N%C3%83O-AO-LIVRO-DID%C3%81TICO-NA-EI.pdf). Acesso em: 23 Mar 2023.

MOURA, Neide, Cardoso de. **Relações de gênero em livros didáticos de língua portuguesa:** Permanências e mudanças. Tese (Doutorado em Educação). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2007. 258f. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/17231>. Acesso em: 23 Mar 2022.

MOURA, Neide, Cardoso de. Análise da ideologia de gênero em livros didáticos de Língua Portuguesa: uma atualização das apresentações e representações. In: **ANPED Sul – Reunião Científica da ANPED**, 10, Florianópolis, 2014. Disponível em: [http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq\\_pdf/1191-0.pdf](http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/1191-0.pdf). Acesso em: 23 Mar 2023.

MOURA, Neide Cardoso de. O que velam e revelam as ilustrações dos livros didáticos do PNLD/2013 para a Educação do Campo: Um olhar de gênero. *In*: VIANNA, Cláudia Pereira; CARVALHO, Marília Pinto de. **Gênero e Educação: 20 anos construindo conhecimento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 103-118.

OLIVEIRA, Francielly de Lima. **Análise de livros didáticos do PNLD/2019 para a Educação Infantil**: Imagens e gêneros. Dissertação (Mestrado em Educação). Chapecó: Universidade Federal da Fronteira Sul, 2020. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/3812>. Acesso em: 23 Mar 2022.

PINTO, Regina Pahim. **O livro didático e a democratização da escola**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). São Paulo: Universidade de São Paulo, 1981.

PIO, Djenane Alves Costa; DUTRA, Gislene Silva. **Coleção Vila Mundo**: Pré-escola. Volume 2 (Manual do Professor). Belo Horizonte: Rona Editora, 2020. Disponível em: [https://pnld2022.ronaeditora.com.br/wp-content/uploads/2022/02/VOLUME-2\\_5-ANOS\\_PROFESSOR\\_2.pdf](https://pnld2022.ronaeditora.com.br/wp-content/uploads/2022/02/VOLUME-2_5-ANOS_PROFESSOR_2.pdf). Acesso em: 23 Mar 2022.

SANTOS, Maria Walburga dos. **Saberes da Terra**: O lúdico em Bombas, uma comunidade quilombola (estudo etnográfico). Tese (Doutorado em Educação). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010. 321f. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-20042010-141954/pt-br.php>. Acesso em: 23 Mar 2022.

SCOTT, Joan W. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, n. 20, v. 2, 1995, p. 71-100. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 9 Ago. 2023.

SCOTT, Joan W. O enigma da igualdade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, Jan.-Abr. 2005, p. 11-30. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/H5rJm7gXQR9zdTJPBf4qRTy>. Acesso em: 23 Mar 2022.

SCOTT, Joan W. Os usos e abusos de gênero. **Projeto História**, São Paulo, n. 45, Dez. 2012, p. 327-351. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/15018/11212>. Acesso em: 23 Mar 2022.

SGROGLIA, Rose. **Iniciando o Aprender**: Crianças pequenas de 5 anos (Manual do Professor). São Paulo: Joaquinha Produções, 2020. Disponível em: <https://pnld.joaquinhaedicoes.com.br/iniciando-o-aprender-vol-ii-aluno/>. Acesso em: 23 Mar 2022.

SILVA, Ana Célia da. **Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático**. Salvador: EDUFBA, 2003.

SILVA, Marcelo Oliveira da; CARVALHO, Rodrigo Saballa de; LOPES, Amanda de Oliveira. Os manuais e a pedagogização da docência na Educação Infantil. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 29, n. 2, 2021, p. 177-191. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/14327>. Acesso em: 23 Mar 2022.

SILVA, Patricia Botelho da; CARLA, Vilza. **Adoletá**. Volume 2 (Manual do Professor). São Paulo: Editora do Brasil, 2020. Disponível em: [https://pnldeducacaoinfantil.editoradobrasil.com.br/wp-content/uploads/2021/05/ADO2\\_LM\\_001-224\\_MKT-2.pdf](https://pnldeducacaoinfantil.editoradobrasil.com.br/wp-content/uploads/2021/05/ADO2_LM_001-224_MKT-2.pdf). Acesso em: 16 Set 2023.

TELES, Carolina de Paula. **Representações sociais sobre as crianças negras na Educação Infantil**: Mudanças e permanências a partir da prática pedagógica de uma professora. Dissertação (Mestrado em Educação). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010. 171f. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-22062010-124314/pt-br.php>. Acesso em 23 Mar 2022.

THOMPSON, John Brookshire. **Ideologia e Cultura Moderna**: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 2ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.

THORNE, Barrie. **Gender play**: Girls and boys in school. New Brunswick: Rutgers University Press, 1993.

UNDIME. União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação. **Considerações da Undime sobre o PNLD para a Educação Infantil** (Posicionamento). Brasília: UNDIME, 6 ago. 2021. Disponível em: <https://undime.org.br/noticia/06-08-2021-14-53-consideracoes-da-undime-sobre-o-pnld-para-a-educacao-infantil>. Acesso em 23 Mar 2022.

VALLE, Fernanda Ribeiro do. **Mundo das Coisas**: Educação Infantil. João Pessoa: MCV Editora, 2020. Disponível em: [https://issuu.com/editoramvc/docs/mundo\\_das\\_coisas\\_livro\\_do\\_estudante\\_completo\\_compr](https://issuu.com/editoramvc/docs/mundo_das_coisas_livro_do_estudante_completo_compr). Acesso em 23 Mar 2022.

VIANNA, Cláudia; FINCO, Daniela. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 33, Jul./Dez. 2009, p. 265-283. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/GXVR8FrdMjrcWHvLWcv7xrF>. Acesso em 23 Mar 2022.

## **Publisher**

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Artes Visuais. Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias

expressas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.